

As Condições materiais da vida

E' commum esprobrar-se a certas doutrinas socias e so se preoccuparem com interesses materiaes, supponem que não ha para o homem senão uma especie de trabalho e concelhem por tudo ideal uma vida commoda. Isso e desgraciadamente exacto: e preciso quando observar que, se estes systemas devessem ter realmente por effeito melhor a posição material de uma porção notavel da humanidade, não seria isso uma verdadeira exploração.

Porque o melhoramento da condição material e a condição do melhoramento intellectual e moral e este progresso, como todos os outros deveira se operar por um trabalho especial: quando a humanidade faz uma coisa, não faz uma outra. E' evidente que um homem que não tem o necessario ou e obrigado para procurar-o e entragar-se a um trabalho mechnico de todos os instantes, esta forçosamente condemnado á depressão e á millidade. O maior serviço a prestar ao espirito humano, no momento actual, seria achar um processo para procurar a todas as commodidades materiaes, pelo menos as necessarias.

O espirito humano não seria realmente livre, senão quando estiver perfeitamente liberto destas necessidades materiaes e do humilhante e o detecem em seu desenvolvimento.

Taes melhoramentos não tem valor algum ideal em si mesmos; mas são a condição da dignidade humana

e do aperfeiçoamento do individuo. Este é nro trabalho, em virtude do qual a classe burguez se enriqueceu durante toda a idade media, e em apparencia alguma coisa de bastante profano.

Deixa-se de consideral-o assim, quando se pensa que toda a civilização moderna, que é a obra da burguezia, foi sem isso impossivel. A secularização da sciencia su se podia calcular pela a burguezia independente e por consequente arruinada. Se a população das cidades tivesse ficado pobre ou ligada a um trabalho sem descanço, como a camponezia, a sciencia ainda hoje seria o monopólio da classe sacerdotal. Julio, não se serve ao progresso da humanidade, por mais humilde e profano que possa parecer, e por isso mesmo respeitavel e sagrado.

E' singular que as duas classes que hoje dividem entre si a sociedade franceza se atremem reciprocamente a accusação de materialismo. A franqueza não obriga a dizer que so o materialismo das classes pobres es é condemnavel. A tendença das classes pobres ao bem-estar é justa, legitima e santa, porquanto as classes pobres não chgarão a verdadeira santidade que é a perfeição intellectual e moral, senão pela aquisição de um certo bem-estar. Quando um home arranja, procura ainda enriquecer-se, faz uma obra pelo menos profana, porquanto si se pode proferir, como fim, o gozo. Mas quando um miseravel trabalha por se erguer acima da necessidade, pratica uma acção virtuosa; porque estabelece a condição de sua redempção, faz o que deve fazer por enquanto. Quando Cleantio pas-

sava suas noites a tirar agua, fazia obra tão santa como quando passava os dias a ouvir Zenon.

Nunca ouço sem olera os felizes do seculo quando accusam de baixa inveja e de vergonhosa concupiscentia o sentimento que experimenta o povo ante a vida mais folgada das classes superiores.

Como! Arhaes man que elles desejem aquillo de que gozaes?

Querelles pregar ao povo o asretismo moral e a abstinencia do prazer, quando o prazer e toda nossa vida, quando tendes poetas que não cantam se não isso mesmo! Se esta vida e boa; porque não a desejariam elles? Se ella e má, porque gozaes?

Tendência para os melhoramentos materiaes esta longe mais de ser prejudicial ao progresso do espirito humano, do que se convencionadamente ordenado a sua fim. O que avilha, o que degrada, o que faz perder o senso das grandes coisas, é o espirito mesquinho que a amiza; não as combinações deus, os processinhos de fazer fortuna. Na verdade creio que seria melhor deixar o povo pobre do que preparalhe uma educação assim. Ignorante e inculto, elle aspira cegamente ao ideal, pelo instinto surdo e poderoso da natureza humana; elle e energico e exacto como todas as grandes massas de consciencias obscuras. Inspirae lhe esses mesquinhos instinctos de lucro e o rebatareis, destruireis sua originalidade, sem tornal-o nem mais instruido, nem mais moralizado.

A sciencia do bom homem Ricardo pareceu-me sempre uma má sciencia.

NINON DE LENCLOS

essencia da raça, que jamais cessou nutral-lhe a epidemie. Já passava dos 80 annos e observava-se juven e bella, attendo sempre as faculdades da sua perfeita de bup e tismo que rasgava a carnal. Tempe, cuja foite embutava-se sobre sua comuladora physiognomia, sem que nunca deixasse a menor traço. «Muito verbenim!»... scotrigado a dizer o vellu talogentio, como a raposca de Lafontaine dizim lhas nivas. Este segredo, que a celebre e equista hosiirjanais confiam que quer que fosse das pessoas daquelle época, descedrio-o Dr. Lenclos entre os folhos de um volume de *L'Histoire anecdotique des grandes de Louis-Rabatine*, que fez parte da biblioteca de Voltaire e e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MARISE LENCLOS, Rue de la Septembre, 35** em Paris.

Esta casa tem em á disposiçao das nossas elegantes, sob o nome de **VERTABLEEAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, a

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epidemie mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao possessor e aos loandres. E' a mais preciosa e apreciada da **PARFUMERIE NINON** nomina-se:

LA POUDE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que amigenta, engrassa e brama as pestinhas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para afeira, alvura brilhante dos unhas, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o eudereo sobre o rolo para evitar as emittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue de la Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, acuetina a epidemie, impede e destrõe as freiras e as tochas.

UM NARIZ PICADO de pequenas horbilhas ou com cravos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolho**, producto sem igual e muito contrafeitos.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES

Para ser bella, encantar todos, olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerebral empregando o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue de la Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes e os cabelos, e sobre os dentes que os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, Rue de la Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recomendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anomicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Esqir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO

Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
PARIS, Avenue Victoria n.º 6.



PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais supposito e o mais recommendado alimentu para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamnadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentiçao e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE
EURETICA COM O MEDICAMENTO

Pó Laxativo de Vichy
de D. SOULIGOUX

ESTABO CERTO, AFFRANCO APOSTAR, NUNCA SEM DUBIA O MEDICAMENTO DE VICHY É O MEDICAMENTO DE VICHY PARA PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO - ESSENCIA - PÓ de ARROZ - OLEO LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Tréfle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
AGUA - ESSENCIA - PÓ de ARROZ LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ - PA - TA e ELIXIR

HOUBIGANT

PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

-- PARIS --

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUADOR

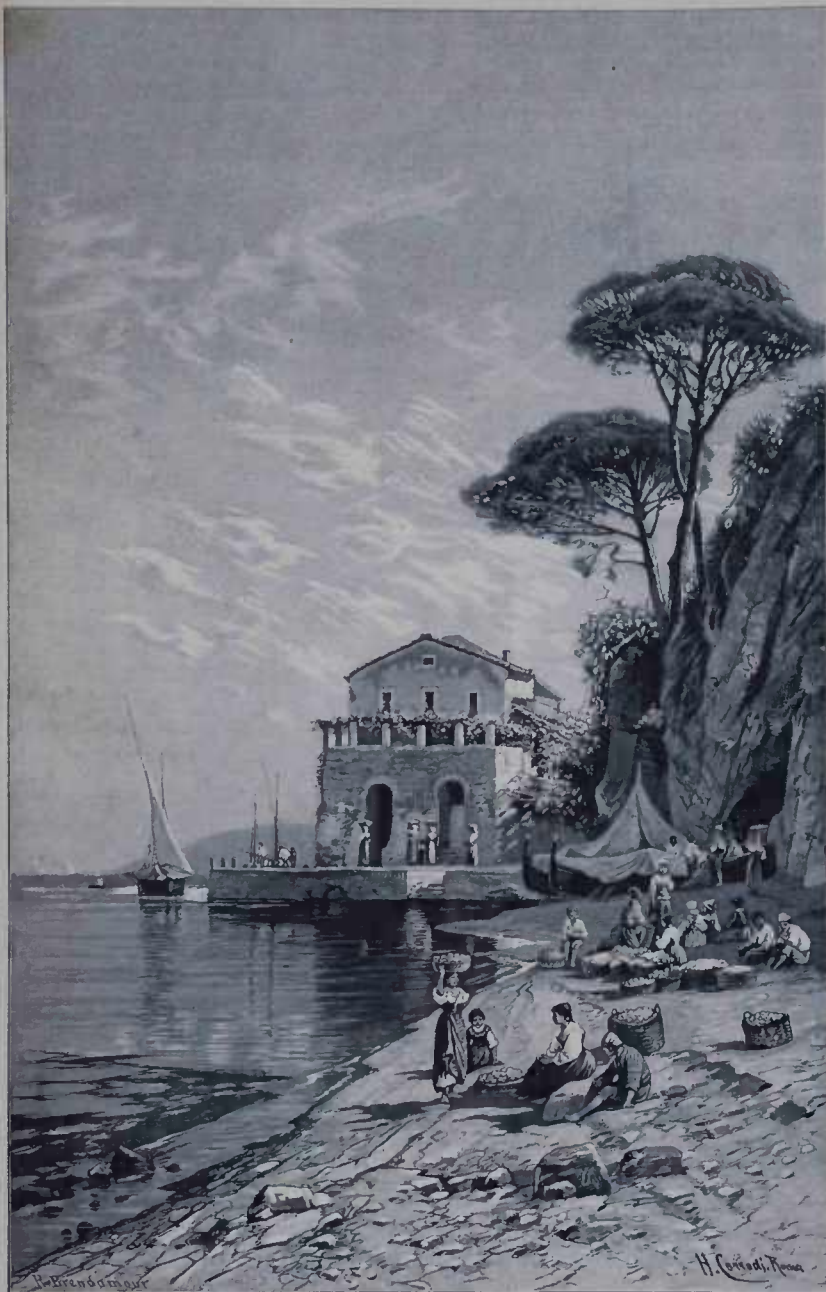
AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Houbigant de Russie.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Milk, Muguet, Châlet, Rose, Imperial Russe, Iris Blanc, Heliotrope Blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cour de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouquet d'Or, Smirnoe, Roucou.

SABONETES : Ophelia, Peau d'Espagne, Violettenoble, Fougere Royale, Lait de Thiridace, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



NO PORTO DE SORRENTO

Como! um homem que resume toda sua vida nestas palavras: *fazer honestamente fortuna* (e ainda se poderia crer *honestamente* aqui não significa senão melhor.) a ultima coisa em que conviria pensar, uma coisa que só tem algum valor quando destinada a servir a um fim ideal ulterior! Isso é immoral; isso é fazer da existencia uma idéa estreita e limitada; isso só pode partir de uma alma desprovida de religião e de poesia. Ah, grande Deus! que importa, eu vos pergunto, que importa no fim desta curta existencia ter realzado um typo, mais ou menos completo, de felicidade exterior?

O que importa é ter pensado muito e amado muito; é ter erguido um olhar firme para todas as coisas, e, morrendo, poder criticar a propria morte.

Heróis da vida desintessada, santos, apóstolos, monges, solitarios, cenobitas, ascetas de todos os seculos, poetas e philosophos sublimes que preferistes não ter herança neste mundo; sábios que atravossastes a vida, tendo o olho esmerado para a terra e o direito para o céu; e tu principalmente, divino Spinoza, que ficastes pobre e esquecido pelo culto do teu pensamento e para melhor adorar o infinito, que melhor comprehendeste a vida que aquelles que a tomam como um estreito calculo de interesse, como uma luta insignificante de ambição ou de vaidade! Teria sido preferivel sem duvida não abstrahir tanto nosso Deus, não collar calos e nebulosas alturas em que para o contemplar vos foi preciso tomar uma posição tão tensa. Deus não está somente no céu, está junto de cada um de nós; está na flor que esmagais debaixo de vossos pés, no sopro que vos embalsama, nesta viduinha que zunbe e murmura de todas as partes, no vosso coração principalmente. Mas

como encontro eu muito mais nas vossas sublimes louscuras as necessidades e os instinctos supra-sensíveis da humanidade, do que nestas pallidas existencias que nunca foram atravessadas pelo raio do ideal, que, desde o seu primeiro dia até seu ultimo momento, se desentrolaram exactos e adaptados como as follas de um livro de escripturação!

Certamente, não se deve lamentar ver os povos passarem da aspiração espontanea e cega a vista clara e reflectida; mas é com a condição de que não se dê por objecto a esta reflectão o que não é digno de occupal-a.

Esta tendencia que, em epochas de civilisação, leva certos espiritos a se possuírem de admiração pelos povos barbaros, e originaes, tem sua razão e em um sentido sua legitimidade.

Porque o barbaro, com seus sonhos e suas fabulas, vale mais que o homem positivo que só comprehende o finito. A perfeição seria a aspiração ao ideal, isto é, a religião, exercendo-se não no mundo das chimeras e das creações phantasticas, mas no da realidade.

Até que se tenha chegado a comprehender que o ideal está perto de cada um de nós, ninguém impedirá certas almas (são estas as meliores) de procurar além da vida vulgar, de fazer suas delicias do ascetismo.

O ceptico e o espirito frívolo levantarão os hombros com a loucura destas almas: que lhes importa? as almas religiosas e puras as comprehendem; e o philosopho as admira, como toda manifestação energica de uma necessidade verdadeira, que se desvia por falta de critica e de racionalismo.

Mosaicos

O autor de uma comedia, recebida, até ao ultimo acto com fria benevolencia, offerece em seguida a comedia aos amigos e conhecidos que o applaudiram.
— Ao least, um dos amigos aceita-se do autor.
— Os meus parabens! os meus parabens!
— Parece-lhe então que a minha comedia...
— Não é isso homem! Os parabens são pela comedia que é deliciosa!

— Dizes-me então que o Sabino quer casar com...
— Sim, papà!
— Elle sabe que não tenho um real para te dar o dote?
— Sabe, e diz que me quer a mim sem nenhum dote.
— Hum! Elle te conhece bem?
— Sim, me conhece! Ha muitos annos já!
— Dize-lhe então que não dou o meu consentimento porque não quero doídos na minha familia.

RETRATO DE MAGDA

[Hermelo Lima]

Loira, mas desse loiro immaculado que faz lembrar as virgens da Alemanha, mostrando o niveo collo modelado entre fitas e vendas da Bretanha.

— vejo-a; nos olhos seus, brilha uma estranha, uma suave luz, que e o meu peccado um ar de santa por inteiro banha todo o seu corpo esbelto e delicado.

Tem o semblante angelico e franzino, e a perfeição de um bronze florentino, desses que gloria e fama não tem pouca.

quando Ella ri, um throno angusto palga e exhibe então, esplendida e fidalga, o collar de marfim que tem na bocca...

Como certas mulheres qualificam os noivos:
Um noivo advogado é a chicana applicada ao amor;
Um noivo engenheiro, uma equação de duas incognitas;
Um noivo da roça, uma pilula dourada;
Um noivo boticario, linho para cataplasmas;
Um noivo professor ou musico, a fome com hygiene de gente;
Um noivo poeta ou litterato, *merengue* depois de digestão;
Um noivo commerciante, o usurario do amor;
Um noivo jornalista, molestia grave;
Um noivo chronista-diario, uma ameaça constante de surpresas instantaneas;
Um noivo reporter, tyvisca mesenterica

Lua de mel:

— Dize-me, Henrique da minha alma, que forte sou eu deixasse de existir?
— Ora! Que havia de fazer, meu anjo? Entendi a tua

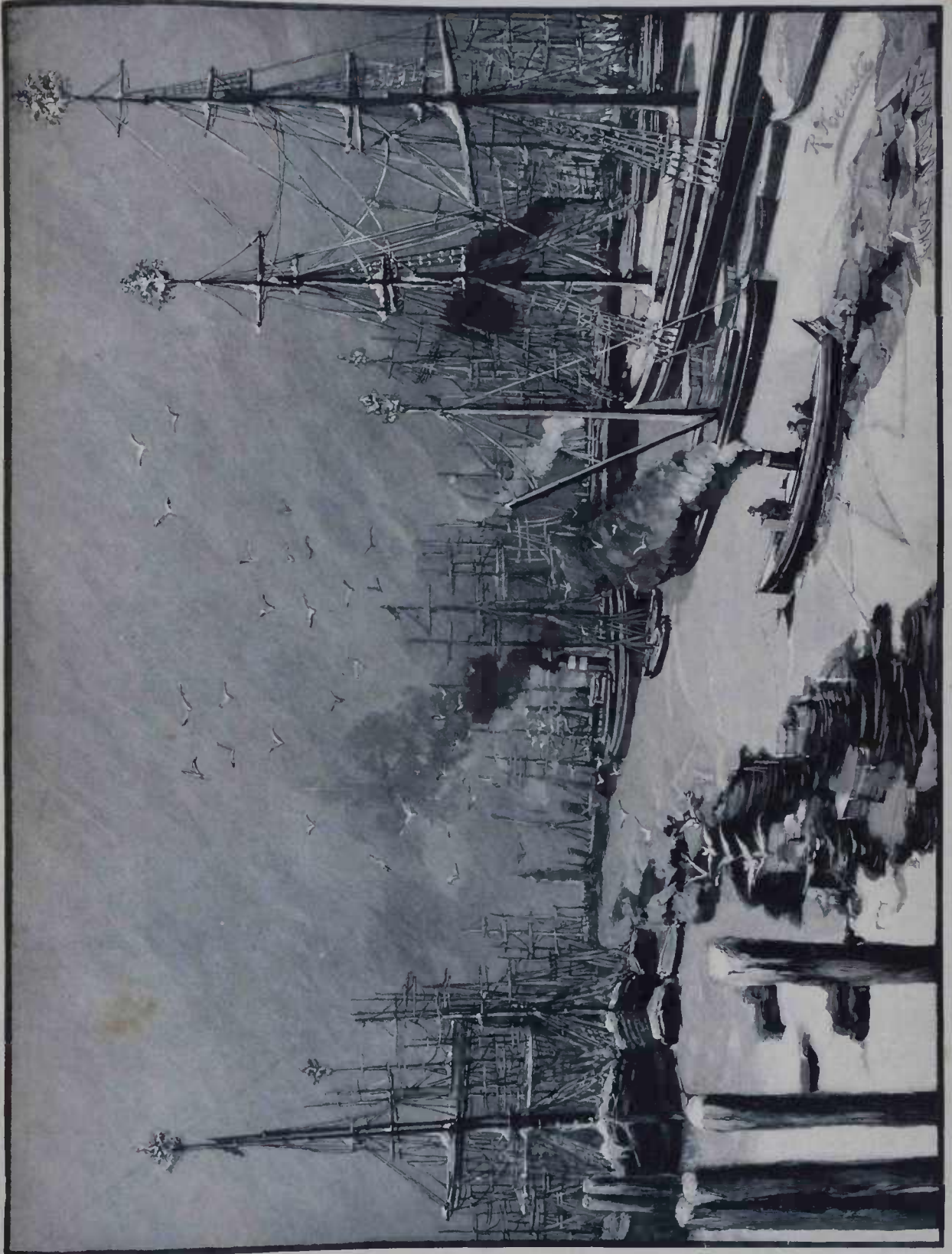
Tolstoi e Nicolão II

Conta o *Daily Mail* que, na sua ultima viagem a Livadia a S. Petersburgo, o imperador Nicolão II exprimiu ao conde de Tolstoi desejo de se encontrar com elle na estação de Tula. Não fora uma ordem, mas um pedido feito nos termos mais lisougeiros, para fallar a extrema sensibilidade do escriptor russo e deixar-lhe a maxima liberdade na sua maneira de proceder. Tolstoi aceitou o convite.

A hora marcada apresentou-se na estação de Tula com um trajo de monnik, que formava completo contraste com os brilhantes uniformes do seguinte do imperador. Nicolão II, assim que vio o illustre anciano, saudou-o affavelmente, seguindo o costume orthodoxo beijou-na bocca e nas faces, no que Tolstoi correspondeu de igual maneira. Depois de uma curta troca de palavras banaes, o imperador subitamente perguntou-lhe o que elle pensava do seu rescripto em respeito a paz e ao desarmamento. A resposta foi caracteristica: "Acreditarei, respondeu de prompto Tolstoi, nas tentações pacificas de Vossa Magestade, quando Vossa Magestade der o signal de pacificação para seu proprio exemplo."

O Tzar observou-lhe que o problema não era tão facil de resolver e que era necessario o consentimento das grandes potencias. Tolstoi replicou-lhe respectivamente que lhe parecia que o imperador procederia mais acertadamente dando uma forma positiva a seus projectos e expondo perante um congresso europeu um plano de desarmamento, para que as suas tentações humanitarias porem menos platonicas.

Nicolão II agradeceu-lhe os conselhos e declarou-lhe que se considerava feliz se elle com o seu generoso cooperar para a solução de tão grande problema. O grande escriptor assegurou ao joven imperador que podia contar absolutamente com o seu concurso. Demais, disse elle, trabalho já em um livro sobre a questão da paz, vai apparecer brevemente; e em me appressarei de o submeter a apreciação de Vossa Magestade.



O NOVO PORTO DE NAVIOS DE VELA EM HAMBURGO

O Penedo de Faião

Naquella tarde, n'um dos barrancos de Faião, o povo da aldeia juntara-se todo.

Nunca apparecera tão suave o azul do céu, desde o brado n'um doce l'immense até morder a orla do horizonte. Pelas quebradas, a luz infinita descia, polvilhando oiro, manchada apenas, por vezes, pelas massas escuras dos blocos de granito. No ultimo extremo contornava-se a serra de Cintra, rasgando, n'um recorte fantomado, a pureza do azul e projectando uma sombra cinzenta que se esfumava sobre parte da planície. E no campo, cujo tom o outono demudava para glauco, as aldeias visinhas surgiam, com o seu casario branco como bando de pombas aninhadas ao sol...

Essa dualidade de tons impressionava: o vivo colorido da luz e do campo, o aspecto sombrio das gargantas abertas nas rochas, sulcando as serras.

Era domingo, dia de paz e de descanço.

Durante a semana, aquelles homens rudes e ingenuos partiam em debandada, ao repontar do sol, transpondo as gargantas das serras, uns para o trabalho arduo e perigoso das pedreiras, outros para a labuta do campo, vergados sob uma dura faina.

Mas não viviam descontentes. Pela tarde, quando voltavam do trabalho, sol posto, era-lhes sobeja re, compensa o poderem «escutar» a serenidade d'aquelle caninho da terra: a que muito queriam. Se ás vezes lhes acontecia pararem, a meio de uma encosta, para retomarem o folego, volviã gostosamente os olhos para todo aquelle horizonte.

Esse effeito da tarde dulcificava-lhes as almas, pela suave quietação que filtrava e parecia-lhes até que o ar se tornava propositadamente mais quieto, para lhes não fustigar os rostos rescaldados pelo suor quente do trabalho.

Então, nas meias tintas crepusculares, a serra de Cintra afundava-se n'uns tons mais sombrios, crescia e tomava vulto, corando-se de um novello de nuvens pardacentas, cujos contornos os raios do sol poente incendiavam ainda; e sobre a planície as trevas desciam lentamente, como uma gaze que se desdobrasse de mansinho. As manchas claras das aldeias sobresaiam, absorvendo os restos de luz e o fumo subia dos casaes, espiralando-se, incorporando-se nas trevas, em quanto no campo, por entre as vinhas e os milharaes, os raios cantavam, saudando a noite...

Ora, n'aquelle dia, o povo de Faião com o que menos se importava era com a belleza incomparavel do campo. O motivo que os remia ali, era muito outro: tratava-se de um caso serio, caso de monta, que por igual interessava a todos. Fora o caso de um penedo encantado!...

Um penedo encantado! No cimo do barranco, em poleirado no topo de uns penedos, um enorme bloco de granito quedava-se para ali desde longa data. Resistira, n'esse equilibrio milagroso, aos inultos do tempo, aos arrancos violentos do vento que, no inverno, asobiava rijo, escoando-se pelas quebradas es-corregadias. A chuva alargara-o muitas vezes e as aguas da serra, em épocas de cheias, na passagem impetuosa, quebravam-se em torno d'elle em cachões de escuma, desfeitas em renda.

Não tinha utilidade alguma o pispalhão, e no sitio até lhe queriam mal, ao pobre bloco de granito! So servia para desviar as aguas das azenhas e precipitalas sobre o valle, atagando brutalmente os campos. Tinha chegado a combinar tirar-o d'ali, remover-o de vez. E se houvera demora na execução do plano, é que as dimensões collossaes do penedo faziam augmentar as difficuldades. Nem todas as juntas de bois das aldeias mais vizinhas, poderiam arrastal-o.

Isto fez abrandar o furor dos de Faião.

Depois, n'um inverno mais violento, as cheias derancaram por tal forma os barrancos, que foi necessario virem cabouqueiros para aplainar os caminhos. Foi uma verdadeira razzia: os maiores pedregulhos foram destruidos pelos operarios, mas o penedo terrivel, aquelle que tanto atizara a raiua da gente de Faião, ficou, escapou da derrocada, continuando no seu posto, alteroso e heroico, resistindo a chuva, ao vento, ás cheias e... ao odio dos de Faião.

Um bello dia, um dos da aldeia, afflicto de amores, quiz buscar um sitio ermo e melancolico para melhor espairecer as suas maguas. Foi para o topo do barranco e sentou-se a abrigo do penedo informe. Contou ao vento os seus martyrios e os seus desalentos, seguiu tristemente o vôo dos passaros zigzagueando pelo azul, fitou eternecido o pobre rochedo, a quem todos queriam mal e que, como elle, se via abandonado. N'uma d'essas miudadas melancolicas aconteceu-lhe ver gravadas, sobre uma das faces do penedo, algumas letras. Ficou intrigado deveras com o caso, tanto mais que não sabia decifrar aquellas mysteriosas palavras.

Isto pareceu-lhe estranho e de molde a chamar a attenção da gente da aldeia. Seguramente, ninguem até ali dera por tal, porque ninguem accusára a existencia dos dizeres gravados no bloco. Em Faião, só tres ou quatro sabiam ler. Foi procurar um d'esses, o José da Nora, espertalhão de mão cheia, que sabia de cor passagens dos «Mysterios do Povo» e que, sendo preciso, se havia com a cura de um caustico. O José da Nora foi, leu attentamente as palavras do penedo, de mão direita appoiada no mento, soletando baixinho. E depois fez pé atrás, bateu na testa com violencia e exclamou, *ex abrupto*, para o pobre namorando:

— Aqui ha grande mysterio. Debaixo d'este penedo deve estar um thesouro.

Um thesouro! Mas então essa descoberta representava a felicidade d'elle, do namorado, cujo maior obstaculo a realisação do seu sonho derivava da escacez dos haveres.

— Um thesouro! Já esta noite eu hei de vir.

— Isso é que não, replicou o José da Nora.

Isso ha de ser repartido por toda a gente da aldeia. O que é preciso é guardar segredo, porque p'demos ficar comidos no negocio, se algum povo visinho chega a intear-se do caso. Hoje vou passar palavra e, á noite, haremos de juntar-nos na venda do Canuto.

E assim foi. Ao entardecer, a venda do Canuto estava apinhada de gente. As mesas de pinho tinham sido retiradas dos logares e os bancos arrumados a um canto, dispostos em plateia. Havia um grande ar de mysterio em tudo aquillo, traduzido pelo olhar pasmado dos assistentes. Em certa altura, o José da Nora ergueu-se impavidamente e começou expondo aos assistentes o fim da reunião. A admiracão chegou ao auge e no fim, concluido o discurso do José, os homens olhavam-se intrigados, a respiracão suspensa, os olhos muito abertos...

Fez-se o juramento de não passar palavra do caso a ninguem e combinou-se que, d'ali a oito dias, se procederia á remoção do bloco, trabalho para que todos os de Faião tinham de concorrer com a sua parte. Mas até lá, por excessu de precaução, todas as noites ficaria um de guarda no rochedo, de bacarmite em punho. E deixaram a venda do Canuto, cuja atmosphera, condensada de fumo de cigarro, exhalava um rufosinho intenso.

Ora os dizeres do penedo eram estes, muito simples, muito errados, e tambem muito significativos:

— *Quem na mim-villar, debaixo de mim ha de achar em que se veynar.*

Que alegria todia foi em Faião! Parecia que o sol brilhava mais durante aquelles dias e que o azul do céu estava mais limpo. Acabava-se a pobreza, a miseria, as rapaziagas já agora poderiam lizir, nos serões, bellos vestidos de chita berrantes e bom oiro. Faião estava destinado a grande futuro.

Reuniram-se, com effeito. Os homens, armados de picaretas entregavam-se á faina de remover o penedo, emquanto, a distancia, as mulheres e as crianças palravam alegremente.

Custou um duro trabalho a ergner o maklito!

Mas, por fim, com um esforço heroico, o bloco foi levantado, voltado por completo. E de novo, na face inferior do rochedo, appareciam outros dizeres. O José da Nora avançou e, na sua postura habitual, soletou e decifrou o migma.

Mas d'esta vez, fez pé atrás de descontente, revirou os olhos com colera e explicou aos de Faião o outro dizer do penedo. Tinha sido um logro, uma partida dos cavouqueiros que ali andaram. Faião continuava

na miseria, porque os outros dizeres do penedo eram estes, tambem muito simples, muito errados, e tambem muito significativos:

— *Foceram bem em me-villar, que eu da outro lado não podal-dar...*

Montelavar, 8-12-98.

Não ha quem não leia a seguinte passagem da vida de Frederico VI e não se sinta preso de respeito pelo bom e honesto rei da Dinamarca. Um dia em que elle viajava pela Jutlandia, foi visitar uma escola e encontrou as crianças, vivas e intelligentes, promptas a responderem ás suas questões.

— Hei, meus jovens, disse elle, digam-me os nomes dos reis da Dinamarca.

Todos, em uma só voz, responderam:

— Canuto o Grande, Valdemar e Christiano IV. Justamente n'esse momento, uma meninazinha a quem o mestre soprava alguma cousa ao ouvido, poz-se de pé e levantou a mão ao ar.

— Conheceis outro? perguntou o rei.

— Sim! Frederico VI.

— E que grande acção praticou elle?

A menina deixou pender a cabeça e balbuciou:

— Eu não sei.

— Consola-te, minha filha, disse o rei, nem eu t'ão pouco

Confissão de amor

A loura filha de Albion, a ingleza, de olhar azul que languido se move, si nas garras do amor sente-se presa, indifferente balbucia:

— *I love.*

A alma da moda, a fina flor de França que de Cupido os dardos já não teme, si algum acaso o brando peito alcança exclama rindo e galhofando:

— *J'aime.*

A pensativa e branca flor do Rheio deixa que a alma desse am r se libbe; porém, si prova de subtil veneno, diz num suspiro flebil:

— *Ich liebe.*

A italiana pallida e formosa, de voz tão doce como o gaturamo, quando do amor a essencia perigosa cae-lhe no peito, ella murmura:

— *Io amo.*

A bella filha do pudz do Cid, flor de la gracia diva do salero, que tem no olhar as noites de Madrid, si sente amor, confessa altiva:

— *Lo quiero.*

E a brasileira, a trefega morena, cun belloza no arrabil proclamo entre as primeiras, ca dida e serena cora, estremece e diz confusa:

— *Eu amo.*

ARISTHEO DE ANDRADE.



Será americanismo?!

Vai por data do NEW-YORK JOURNAL, que a refete, a seguinte historia:

«No momento em que se travava a batalha entre os americanos e os hepanhões, diante de Santiago de Cuba, produziu-se um phenomeno psychico assis notavel.

Um tio do sargento Marcus D. Russell, que nella foi morto, capitão James Demmon, guardava o leito, estando muito doente, e dormia um somno muito agitado.

Subitamente despertou, apertou-se no cotovello e disse ao Dr. Gilespie, seu medico: «Marcus morreu: acabam de matal-o. Elle avançava so armado de um revolver, e achou-se de repente diante de cinco hespanhões. Matou tres e entrou o quarto; o quinto então matou-o. A morte foi instantanea.»

Dito isto, o capitão cahiu sem sentidos, o que era o seu estado normal desde alguns dias.

A noticia da morte do sargento chegou, porém, dias depois nas mesmas circumstancias referidas pelo capitão, seu tio.»

Por causa d'um par de botas

O sr. Prull, um dos artista d'obra prima mais notáveis de Vienna, enviou a uma exposição industrial um producto dos que melhor acabados haviam sahidos em muito tempo das suas habilissimas mãos. Os visitantes, especialmente o bello sexo, paravam em frente da vitrine, e a través dos vidros apparecia um par de botas de senhora, de forma inventada e apresentando um caracter original. Altas, muito altas, pois não tinham menos de trinta botões, quasi cobriam toda a perna, cuja ondulante forma desenhavam de maneira provocante e eminentemente suggestiva. Os tidões eram egualmente muito altos, até o ponto de obrigar o pé á posição quasi vertical. Em fim, esse producto da sapataria Viennense offeria o que quer que fosse de raro, mas ao mesmo tempo cheio de *cha*.

Tres dias depois de inaugurada a exposição, parava em frente do par de botas um cavalheiro em cujo rosto se pintava a mais incorruptivel austeridade. Esse rosto tingiu-se gradualmente do rubro da indignação e do pudor ultrajado. Erguendo os braços ao céo, como se o invocasse por testemunho de tanta perversidade, fez um gesto imperioso chamando um dos empregados da secção.

— Que pretende?

— Pretendo que abra immediatamente esta vitrine e retire aquell: par de botas da vista do publico!

— Essa é melhor!... Então...

Não ha observações possiveis... Sabe quem sou eu?... Bitza, o sr. Bitza, presidente do syndicat dos sapateiros de Vienna. Esta vitrine, portanto, está sob a minha jurisdicção e como o calçado que ali se vê exposto é notoriamente immoral, requireiro e reclamo uma, duas, tres vezes... tantas quantas fôr mister, para que me obedeça sem empicilhos.

O empregado não quer desacatar as ordens de tão elevado personagem; mas, evitando responsabilidades, resolveu entregar a chave da vitrine ao sr. Bitza, que por suas proprias mãos procedeu a expulsão do impudico calçado.

O sr. Prull, porém, chegando-lhe a mostarda aonazar, e inflamado em coragem, tendo noticia do estranho caso, citou perante os tribunaes publicos o presidente do syndicat sapateiral. O processo seguiu seus tramites, e ha pouco foi submettido a julgamento, intervindo no pleito duas notabilidades do fóro viennense — sustentando um que mestre Prull é um industrial honestissimo, mas artista até á medula dos ossos; que o par de botas, destinado a uma estrilla coreographica, era summamente esthetico, mas de modo algum immoral, que não ha que confundir a moral com a provocação da bregeirice e o desejo de especular em merecimentos perante os hypocritas; que o sr. Bitza em caso algum tinha direito, conforme se provava pela letra dos estatutos do syndicat, para o acto de autoridade que exerceu, e que era simplesmente um inqualificavel abuso e violencia á liberdade de artista; e finalmente, que mestre Prull, lesado na sua dignidade e honestidade, e ferido nos seus interesses, pedia ao tribunal que etc. etc.

O advogado da parte contraria sustentou que, o sr. Bitza, columna solida da instituição sapateiral e da virtude offendida, procedera no uso de um direito incontestavel; que as botinas eram, não menos incontestavelmente, de immoralidade supina, peccaminositas e pornographicas; que elle, — isto é o advogado de defesa, — viria como as senhoras decentes e castas se ruborisavam em frente da vitrine e voltiam a vista d'aquelle espectáculo, ao passo que a mocidade dissoluta se entregava a commentarios de grande frescura e verdura; e por ultimo que para levar sobre este ponto capital a convicção ao tribunal, pedia que o *corpo de delicto* fosse exhibido perante a justiça e os juizes. O presidente do tribunal não deferiu o requerimento, adiou para outra audiencia o julgamento definitivo.

De tudo isto se deduz que Vienna, uma das capitales do mundo onde o vicio e a concupiscencia exercem estragos, — segundo a categorica affirmacção de um escriptor viennense, — encerra entre os seus homens corruptos, outros de virtude, tão susceptivel que se fazem vermelhos e se vexam perante um par

de botas femininas com trenta botões. Conste assim em honra da capital austriaca e de tão castissimos varões.

Salta desde logo á vista que o tal sr. Bitza merece recompensa algaprenada ao seu notavel feito. E' verdadeiramente digno de figurar ao lado da baronesa Seb..., uma nobre senhora bavara, heroína d'um certo lance que divertiu prodigiosamente a comitiva do imperador Guilherme, no curso d'uma digressão veranesca, no anno passado.

Querendo o soberano dar uma prova de deferencia a essa illustre dama, cujo marido tinha sido um dos mais distinctos generaes do exercito germanico, visitou a na sua residencia. A baronesa dispoz-se a receber o *kaiser* com todas as honras devidas, fez sumptuosos preparativos, e mandou pôr a mesa n'uma sala immensa que permanecia fechada todo o anno e servia apenas em occasiões solemnisimas.

Chegou o imperador, foi ceremoniosamente recebido, passeou no parque do castello, que é de summa frondosidade e belleza, visitou as galerias artisticas, e chegada a hora do *lunch*, dirigiu-se, dando o braço ao seu hospede, para a vasta sala, onde apesar do grande dominio que Guilherme II tem sobre si, lhe foi quasi impossivel reprimir o assombro e o riso perante o espectáculo mais inesperado e gracioso offerido a seus olhos. N'aquella vasta casa, já denominada "a casa de jantar das quatro deusas", se levantavam nos quatro angulos magnificas estatuas de marmore: Venus, Diana, Juno e Ceres, na sua quasi completa e mythologica nudez. Nada tão casto como essa nudez da escultura, mas a castissima baroneza, fôsse por proprio recato, fôsse pelo receio de ferir o imperial pudor, julgou indispensavel tomar precauções e as quatro estatuas appareceram aos olhos dos illustres convidados, veladas as suas gahardas anatomias, por mantos de ricas sedas de cores vivissimas e herrantes. E é fama que sua magestade prussiana, durante o banquete, evitou os seus olhares para aquellas mal disfarçadas deidades... para evitar a hilaridade que por vezes esteve a rebentar dos seus labios.

Francisco Mystero.

TORTURA

A genial poetisa brasileira

IBRANTINA CARDONA

Amar — e simular indifferença;
Arder — e ter nos labios sempre o gelo;
Sorrir — quando no peito ferve o zêlo;
Chorar — quando se allude a amor e a creença;

Palpitar de paixão real e intensa
E a frieza no olhar ter por modelo...
Querer de um labio o quente beijo... e vel o
Outrem beijar n'uma ternura immensa...

Ver o seio gentil idolatrado
Onde o encanto á pureza se mistura
Por outras mãos sacrilegas tocado...!

E' essa... atroz! a minha desventura!
Nunca houve quem teha supportado
Com tão sincero amor, tanta tortura!

Niteroy: 1899

A. AZAMOR.

O maior fossil conhecido

Fôram desenterrados recentemente no Estado de Wyoming, nos Estados Unidos, os ossos petrificados do animal mais colossal que jamais se tinha desenterrado das camadas da terra.

Este monstro de pedra foi um dos habitantes da epocha jurássica, um dinosauro, tendo proximoamente 15 pés de comprimento e tendo talvez 35 pés de altura nos quadris e 25 pés nos hombros, animal tão nota-

vel pelo seu excessivo tamanho, que só o seu esqueleto petrificado pesa a mais de 40.000 libras.

Foi seu descobridor o professor W. H. Reed, a secção de geologia da Universalidade do Estado de Wyoming, que achou-o em Agosto ultimo, a go milhas a N. O. de Laramie, em uma excursão que fizera a essas paragens á procura de fosseis, e desde então os empregados da secção occupam se em restaurar o monstro.

E' tão grande o seu esqueleto que o menor encontrado não pode ser levantado por um homem só, tal o seu peso. Comparado com o famoso Mammoth, este animal acha-se na mesma relação que um cão para um cavallo.

No mundo dos fosseis só ha um que possa ser proximoamente equiparado a este, e esse mesmo não passa de um pigmeu ao lado d'aquelle, é o famoso brontosauro do Dr. Marsh, h je existente no Museu Yale em New-Haven e que foi restaurado igualmente pelo professor Reed em 1879.

Calcula-se que o peso deste bruto em vida devia ser proximoamente de 80.000 libras, ao passo que, nas mesmas condições, o do recentemente descoberto devia exceder de 60 toneladas.

No carcere

Porque hei de, em tudo quanto vejo, vela?
Porque hei de eterna assim reproduzida
Te-la na agua do mar, na luz da estrella,
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida?

Fosse possivel ser a imagem d'ella
Depois de tantas maguas esquecida!...
Pois acaso seria, para esquecer a,
Mistér e força que me deixe a vida?

Negra lembrança do passado! lento
Martyrio, lento e atroz! Porque não ha de
A' magua ser dado o esquecimento?

Porque? Quem me encadria sem piedade
No carcere sem luz deste tormento,
Com os pesados grilhões desta saudade?

OLAVO BILAU.

A morte entre os africanos

Os pretos, em geral, nunca attribuem a morte a uma causa natural, ainda que ella se affecte por submersão, desastre ou velhice. Quem morre foi victima de algum maleficio ou sortilegio. *comeram-lhe a alma*, dizem elles; é, pois necessario descobrir o culpado. Só o *nganga*, feiticeiro, pode saber quem foi, por isso é logo chamado e, em comparecendo com muitas monices, aponta para um dos assistentes com um imperturbavel sangue frio.

O indigitado por elle é julgado criminoso, e tem de submeter-se a prova do veneno. Se é pobre ou escravo que não possa offerrecer valiosos presentes a *nganga* este administralhe um forte veneno e o infeliz morre infallivelmente; se, porém, for rico e offerecer grandes presentes, é-lhe propinado um veneno benigno, que produz o effeito de vomitorio e, não morrendo, é julgado innocente. N'este caso o *nganga* indicou outro como criminoso até que algum morto envenenado.

Quando morre um chefe, volta-se á experiencia muitas vezes, porque não é crível que a alma de um tão alto personagem fosse comida por uma só pessoa. Apesar das imposturas dos *ngangas*, todos os pretos se sujeitam facilmente estas provas, tendo a consciencia de não haverem comido a alma de ninguém, acreditam ingenuamente que sabirão d'ellas indennes, e assim morrem innumeraveis pessoas victimas desta horrivel crendice.

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 1. — Moldes modernas \$500 cada

N. 2. — Moldes modernas \$1000

Pelo correio mais 800.